

Homenagem póstuma ao acadêmico Olmair Guterres da Silveira, em 21.08.1999.

Horácio Rolim de Freitas, da ABF, UERJ e USU

Sempre se constituiu em momento de enlevo e alegria falar do Mestre e amigo, professor Olmar Guterres da Silveira. Hoje, saudoso por sua partida, devo restar-lhe esta homenagem, ato que nunca pensei acontecer, esperançoso de que o Mestre chegasse a nonagenário. Quis Deus chamá-lo tão cedo, para tê-lo junto a Si, alma iluminada que retorna à morada divina. Olmar Guterres da Silveira deixou uma lição de vida e de amor em todos os que usufruíram sua cultura, seus ensinamentos sempre claros e precisos. Não apenas alunos e ex-alunos, mas os próprios colegas ouviam-no para dirimir dúvidas.

Mestre como poucos, dominava as línguas portuguesa e latina, não descurando da Filologia, da Sociolingüística, do grego, das línguas românicas e do alemão. Em todos os campos da cultura lingüística, objetos de suas pesquisas sob aquilatado senso crítico, deixou marca indelével. É o que ocorreu, por exemplo, nos campos morfológico e sintático. Quando gramáticos procuravam explicação plausível para melhor entendimento do emprego de pronomes ditos relativos e de alguns advérbios, por não apresentarem um termo antecedente, o Mestre esclarecia, definitivamente, em sua tese, que a subordinação de orações não se processa apenas por conexão. Este trabalho o deixa bem distante de estudos preliminares tratados por autores nacionais e estrangeiros, como: Said Ali, José Oiticica, Sílvio Elia, Ernout-Tomás, Secheyay. Como filólogo deu-nos um erudito comentário do Canto V de *Os Lusíadas*, edição da Biblioteca do Exército. Não menos ricos são seus comentários à fábula de Fedro e à 1.^a Sátira de Horácio. Sob visão sociolingüística produziu a *Carta aberta a um grande mestre*, dedicada a Sílvio Elia, onde faz brilhantes observações a propósito de bilingüismo e diglossia e, de passagem, tece comentários sobre a transcrição do grego clássico e do grego moderno. Sempre em dia com os mais atualizados estudos, sabia, de maneira ímpar, selecionar o que era exeqüível de aplicação à língua do que era pura abstração no campo teórico.

Absorveu as idéias dos mais eminentes lingüistas, dentre os quais estão: Eugenio Coseriu, Bernard Pottier, Henri Frei, Francis Mikus, para só citar alguns de uma ampla galeria. Mas o professor Olmar não se absteve dos autores nacionais, dignos de se ombrearem com qualquer autor estrangeiro.

Compulsava-os, citava-os e orientava os alunos a lê-los: um Said Ali, Sousa da Silveira, Evanildo Bechara, Sílvio Elia, José Oiticica, Serafim da Silva Neto e tantos outros. Seguindo a trajetória dos grandes mestres, não os repetia, criava. Em cada lição de suas obras, pode-se constatar o dedo do gigante, contribuição essa tão bem assinalada pela arguta percepção do Prof. Sílvio Elia que aqui repito: “Para enriquecimento da cultura brasileira, emerge de corpo inteiro a figura magnífica do filólogo, forrado de acabada formação lingüística, do mestre da língua, do latinista, do homem de saber e experiência feito”.

Deu a lume edição da Gramática de Fernão de Oliveira, cópia microfilmada do exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa, texto de 1536. Ali, nomeia as fontes de autores latinos, gregos, portugueses, utilizados pelo nosso primeiro gramático, além do famoso Antônio Nebrija. As apreciações críticas feitas a passagens dessa obra, no campo fônico e no campo morfológico, constituem uma amostra do apurado senso crítico e analítico que possuía o grande Mestre.

Outras edições anteriores teve a obra de Fernão de Oliveira. A 2.^a edição, data de 1871. Em 1933, sai a 3.^a edição. A Imprensa Nacional - Casa da Moeda edita a 4.^a edição, em 1975. Essas três edições foram feitas em Portugal. No Brasil, o professor Olmar Guterres da Silveira tomou a si essa responsabilidade, publicando, em 1954, a tese a *Grammatica de Fernão D'Oliveyra*. A importância dessa edição, pelo texto fidedigno, pelas fontes apresentadas e pelos comentários de alta competência lingüística mereceu a escolha do eminente lingüista, Eugenio Coseriu, que nela se baseou para a composição de sua obra: *Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira*.

Olmar Guterres da Silveira deixou, além de vários estudos, teses e artigos sobre as línguas portuguesa e latina, lições sobre o ensino do idioma nos graus médio e universitário, palestras proferidas em várias universidades, discursos, crônicas, prefácios, traduções e poesias. Destaco, aqui, duas conferências: sobre Sousa da Silveira, proferida na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, em que demonstra domínio da Lingüística Textual; e outra sobre Antenor Nascentes, realizada nesta Universidade. Lecionou no Colégio Pedro II por 44 anos. Regeu interinamente a Cátedra de Latim. Prestou concurso para a Cadeira de Língua Portuguesa com a brilhante tese *A Grammatica de Fernão d'Oliveyra*, em 1954. Na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Distrito Federal, que se tornaria a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), obteve os títulos de Livre-Docente e Doutor em Letras, com a tese *Orações subordinadas sem conectivo*. Nesta Universidade foi o primeiro assistente do Dr. Clóvis Monteiro, cuja obra ainda hoje se destaca pela atualização e pelo cientificismo do grande filólogo. Em 1962, o Prof. Olmar mais uma vez se submeteu a concurso público e obteve a Cátedra de Língua Portuguesa da Universidade do Estado da Guanabara, hoje UERJ, com a tese *Prefixos e não-prefixos portugueses*.

Por trinta anos exerceu a Cátedra com proficiência e dedicação ao ensino

e ao idioma. Imprimindo uma linha filológica, iniciada por seu antecessor, Dr. Clóvis Monteiro, descortinou os horizontes da Filologia, formando professores que, através de suas aulas, e da equipe por ele escolhida a dedo, se familiarizaram com a obra dos mais produtivos e competentes filólogos, base indispensável para o domínio da Língua Portuguesa, como: Said Ali, Antenor Nascentes, Augusto Magne, Mário Barreto, Leite de Vasconcelos, Carolina de Michaelis, entre muitos outros.

Mestre como poucos, Olmar Guterres da Silveira, ou na expressão carinhosa usada pelo professor Bechara: “o nosso Olmar”, dirigia os alunos para a pesquisa, leitura atenta das obras indicadas cujos temas eram discutidos com senso crítico e perspicácia. Infelizmente, ao chegar aos setenta anos, em 1992, teve de afastar-se pela compulsória. Deveria substituí-lo, de fato e de direito, outro ex-assistente de Clóvis Monteiro, o professor Jairo Dias de Carvalho, cuja competência e dedicação ao trabalho eram notórias. Quis o destino que o professor Jairo se abstinisse das atividades acadêmicas, solicitando aposentadoria. A Cátedra ficou acéfala. A linha filológica de Clóvis Monteiro e Olmar Guterres da Silveira se extinguiu. A vaga poderá ser preenchida, mas não a Cátedra. Não há, em minha geração, ninguém à altura do valor intelectual de Olmar Guterres da Silveira. Contudo, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro não desmereceu o mestre ilustre, concedeu-lhe o título de Professor Emérito.

O Mestre amigo

Vim a conhecer o professor Olmar no Curso de Mestrado da Universidade Federal Fluminense. Da primeira turma de pós-graduação ali formada fazíamos parte eu, Jayr Calhau, Walmírio Macedo, Manoel Pinto Ribeiro, Castelar de Carvalho, dentre outros, que tivemos a dádiva de receber os ensinamentos do Mestre. Sentindo-nos seguros, capazes, sob tão eficientes orientações de Olmar Guterres da Silveira, Evanildo Bechara, Sílvio Elia, Gladstone Chaves de Melo e Jesus de Belo Galvão, arvoramo-nos a conquista mais alta. Iniciou-a Walmírio Macedo, submetendo-se a concurso público de provas e títulos na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a primeira a cumprir a lei que possibilitava a obtenção dos títulos de Livre-Docente e Doutor em Letras. Também lá estivemos eu e Jayr Calhau. Nas aulas de Olmar surgiu o tema que ficou a martelar-me a cabeça: o processo de derivação na Língua Portuguesa. Desenvolvi o novelo de idéias, dei-lhe forma e nasceu a tese com que me submeti àquele concurso. Sempre incentivado pelos Mestres de Olmar e Bechara, apurei o trabalho, ampliei-o e publiquei-o. *Princípios de morfologia* mereceu do Mestre o que mais prezo na obra: o prefácio. Fê-lo o professor Olmar com medidas palavras, mas sempre precisas e sinceras. Não era de seu feitio abusar de elogios. Um adjetivo positivo já valia como tal. Tive o privilégio de ter no Mestre um amigo. Privei de sua amizade e da amizade de sua dulcíssima esposa. Nosso convívio era constante: pessoalmente, por telefonemas ou por escritos, às vezes

cartas em latim. Numa dessas correspondências tive a oportunidade de destacar uma de suas virtudes: *Simplicitas est hominum sapientissimorum* (A simplicidade é própria dos homens mais sábios).

Devo-lhe a indicação de meu nome para ocupar uma cadeira nesta egrégia Academia. Entre agradecido e admirado, temi tornar-me candidato. Estaria sentado ao lado de meus Mestres: Olmar, Bechara, Sílvio Elia, Jesus. Era uma subida honra. Jayr Calhau convenceu-me. Fui recebido nesta Casa pelo professor Olmar que descreveu minha vida no magistério no ensino das línguas portuguesa e latina. Foi um momento de enleação. Conhecedor de seus escritos: artigos, conferências, algumas teses, procurei defrontar-me com os trabalhos inéditos. Aí tive grande ajuda da Dr.^a Renée. A modéstia, a simplicidade, que marcavam seu caráter, faziam o Mestre protelar a entrega da obra solicitada. Mas o discípulo era insistente e o Mestre, então, acedia, não sem deixar uma palavra como dedicatória e, às vezes, até em verso. Foi o que ocorreu quando dele recebi o exemplar tão esperado da tese *Orações subordinadas sem conectivo* com a seguinte dedicatória: “É teimoso o meu amigo!...Pede ... insiste ... até consegue (apesar do que lhe digo) que eu abra mão da firmeza de silêncio, a que me obrigo, e parlapatescamente aqui lhe traga, comigo, o envelhecido exemplar da tese que apresentei para me candidatar à Docência primeira que houve por bem instaurar a UERJ daquele tempo. E para não molestar os seus ouvidos, Horácio, com tantas rimas em -ar, prometo-lhe: vão cessar; e você há de gostar da calma crepuscular que, finalmente, restar... Aceite o abraço do Olmar.” (13/8/87).

Era preciso que sua obra esparsa fosse reunida e publicada. Cada página escrita pelo Mestre é motivo de reflexão, conduz o estudioso à pesquisa, abre novos caminhos. Alguém deveria tomar a si essa tarefa. Propus-me a fazê-lo. Iniciei o trabalho com denodo e jamais esmoreci durante os seis anos de pesquisa. Em muitas ocasiões, tive a ajuda de D. Renée, pois, como bem observou Sílvio Elia “Por estranho que possa parecer, o maior obstáculo foi o próprio homenageado. É que, abrigando-se atrás do que chamaria “idiossincrático pudor intelectual”, diz-nos Sílvio Elia, “Olmar quase que segregava sua produção científica”. Em 1992, concluí a organização de sua obra. Veio a segunda fase. Submeti-a a várias editoras. Pelo tamanho da obra, pelos textos latinos e transcrições em grego e possivelmente, também, pelo desconhecimento de seu valor científico, a resposta era uma gentil desculpa. Passaram-se três anos. Eis que outro ex-aluno de Olmar, nosso colega e amigo, professor Manoel Pinto Ribeiro, com experiência em editoração, veio em nosso auxílio. Renovou-se o alento. Sem medir esforços, Manoel Ribeiro movimentou colegas, amigos, alunos, no afã de imprimir a obra do Mestre. Em 1996, a obra completa de Olmar estava impressa em livro, enriquecendo o acervo de nossa cultura lingüístico-filológica. Nosso dever estava cumprido. O Mestre, feliz, autografou os inúmeros exemplares. A noite de autógrafos foi uma festa. Culminou com as palavras do professor Sílvio Elia ao traçar o perfil do homem, do chefe de família, do professor, do latinista e

do filólogo. Momento inesquecível! A obra está aí para quantos queiram abeberar-se da fonte inesgotável de saber. É de leitura agradável, apesar da erudição e do caráter científico, pois, como bem a retratou Manoel Pinto Ribeiro, em apreciação que consta da capa do livro: “O estilo é claro, conciso, soante, próprio de quem se preocupa em lapidar cada frase, cada pensamento. O professor Olmar impregna seu trabalho de toda a pujança de nosso idioma”.

Olmar Guterres da Silveira pertenceu a várias entidades culturais. Membro fundador da Sociedade de Romanistas, da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, do Círculo Lingüístico do Rio de Janeiro, da Academia de Letras do Rio de Janeiro. Na Academia Brasileira de Filologia, ocupou a cadeira número 35 que tem por patrono Amadeu Amaral. Sua imagem, sua bondade, sua grandeza de virtudes estarão não só nos corações de seus familiares: da esposa, Dr.^a Renée, de sua irmã, D. Dirce Santos, dos filhos, Vera Lúcia e Paulo César, dos netos, Guilherme, Renata, Anna Paula e Anna Letícia, mas também no coração dos amigos e dos confrades. Ao finalizar esta homenagem, faço minhas as palavras de Cícero: “Haec vita est sua, quae vigebit memoria hominum omnium quam posteritas alet, quam ipsa aeternitas semper tuebitur”. (Esta é a sua vida que viverá na lembrança de todas as pessoas, que a posteridade sustentará e que a própria eternidade defenderá”.) O homem passa, mas a obra e o exemplo de caráter permanecem. Olmar Guterres da Silveira não apenas dignificou a Filologia e a Lingüística, dignificou o ser humano. Olmar Guterres da Silveira, *immortalis es!*